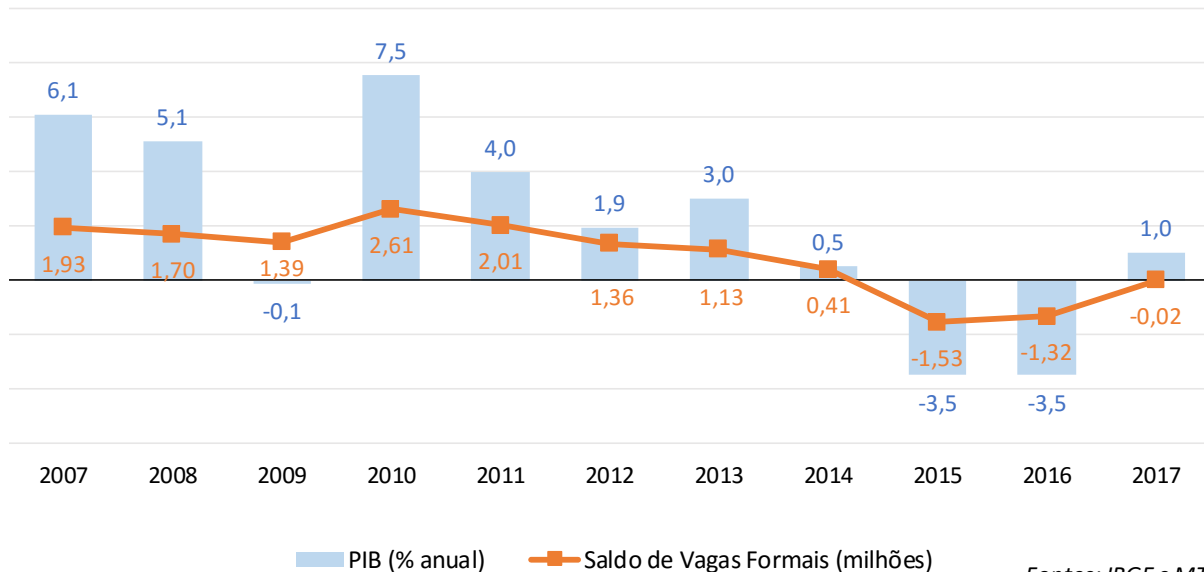


## CNC APURA PROFISSÕES EM ALTA E EM BAIXA NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

*Profissões em processo de extinção se caracterizaram pela baixa qualificação e exposição ao avanço da tecnologia. As mais promissoras estão ligadas aos cuidados com saúde, educação infantil e informação.*

O desempenho da economia brasileira nos últimos dez anos apresentou dois períodos significativamente distintos. De 2007 a 2013, o Produto Interno Bruto (PIB) avançou a uma taxa média anual de 4% tendo registrado durante esse período suas maiores taxas anuais desde a estabilização monetária. A perda de dinamismo a partir de 2014, no entanto, foi o preâmbulo da maior recessão econômica de que se tem registro no país. Nos últimos quatro anos, o PIB brasileiro encolheu em média 1,4% ao ano.

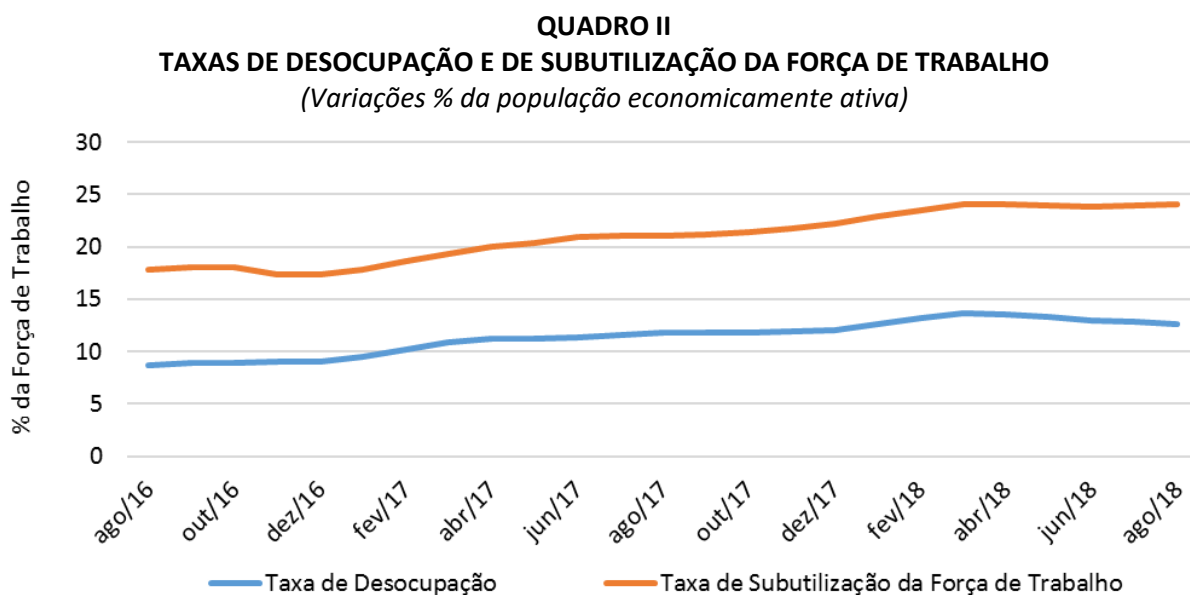
**QUADRO I**  
**PRODUTO INTERNO BRUTO E GERAÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO CELETISTAS**  
(Variações % em relação ao ano anterior e milhões de postos)



Do ponto de vista quantitativo, os impactos das oscilações do PIB sobre o mercado de trabalho foram, naturalmente, significativos em ambos os períodos. Se em 2010, por exemplo, tanto a economia quanto o mercado formal de trabalho acusaram suas melhores performances anuais recentes, no biênio 2015/2016 a recessão destruiu mais de 2,8 milhões de postos formais de trabalho, segundo o Cadastro

Geral de Empregados e Desempregados (Caged) – o equivalente a uma redução de 7% no emprego celetista no acumulado desses dois anos.

A retração do mercado de trabalho, no entanto, não foi o único subproduto derivado da recente recessão. Recentemente, a precarização do trabalho através do avanço da informalidade e a falta de confiança na recuperação da economia levaram a subutilização da força de trabalho a níveis recordes, seja por desalento, seja por insuficiência das horas trabalhadas, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios Contínua (PNADC) apurada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



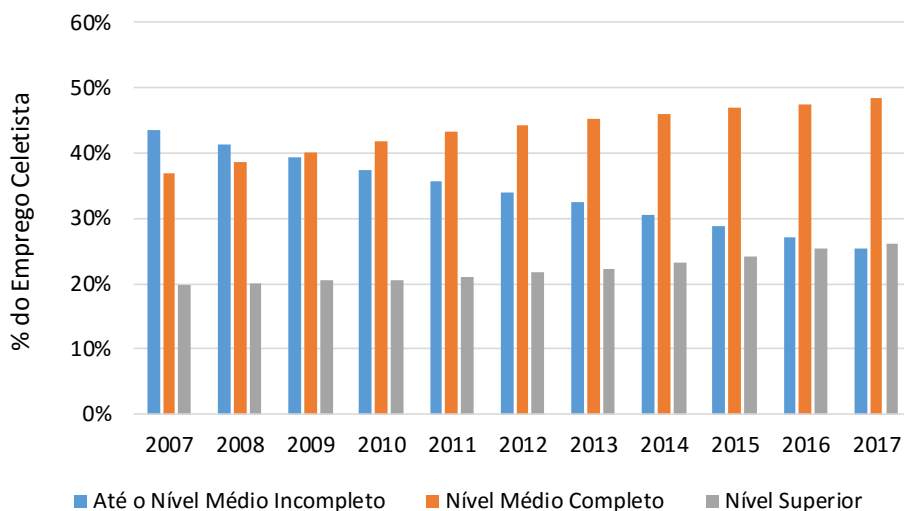
Fonte: IBGE

Além do impacto quantitativo sobre o mercado de trabalho, a mais longa e profunda recessão a assolar o país em sua história econômica recente produziu, também do ponto de vista qualitativo, mudanças significativas no perfil do emprego.

Ainda que indesejável à sociedade, o aumento do desemprego desencadeou uma espécie de processo de “seleção natural” no mercado de trabalho, que pode ser facilmente constatado pelo aumento da participação dos estratos de qualificação acima da mediana do próprio mercado de trabalho. Em uma década, o contingente de trabalhadores celetistas que possuem nível superior completo ou incompleto aumentou 62,6%, contra um avanço de 23,1% na média do emprego formal.

Ainda durante a crise de 2015/2016 e mesmo após esse período, os trabalhadores com graus de instrução elevados para o padrão brasileiro passaram a responder por uma porção cada vez maior de força de trabalho ocupada, passando de 19,7% (7,4 milhões) para 26% (12,0 milhões) entre 2007 e 2017.

**QUADRO III**  
**DISTRIBUIÇÃO DA OCUPAÇÃO NO EMPREGO CELETISTA SEGUNDO GRAUS DE INSTRUÇÃO AGREGADOS**  
(%)



Fonte: MTb

Por outro lado, diversos profissionais empregados em ocupações caracterizadas por níveis inferiores de qualificação, e/ou mais expostos ao avanço tecnológico ao longo da cadeia produtiva, passaram a representar um contingente menor da força de trabalho celetista do país. Em 2007, 16,3 milhões de pessoas formalmente ocupadas não tinham mais do que o nível médio incompleto (43,5% do total). Dez anos depois, esses trabalhadores representavam 25,5% do mercado (11,8 milhões de pessoas).

A partir das informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) recentemente divulgadas pelo Ministério do Trabalho, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) avaliou, dentre mais de 2.600 profissões, aquelas que, de forma relevante, mais perderam espaço no mercado de trabalho formal entre 2007 e 2017.

Dentre as vinte profissões que mais avançaram no período analisado, percebe-se uma predominância de atividades voltadas para a saúde (cuidadores de idosos, preparadores físicos, técnicos de enfermagem, técnicos em saúde bucal e fisioterapeutas) e para a educação infantil (professor de educação infantil e pedagogo), além de profissões relacionadas a serviços de informação e comunicação (analistas de informações, instaladores e técnicos de redes de comunicação e operadores de telemarketing).

**QUADRO IV**  
**PROFISSÕES COM MAIOR AVANÇO NA OCUPAÇÃO FORMAL ENTRE 2007 E 2017 – TOP 20**

Rank	Profissão	Postos Criados	Var. % 2017/2007
1	Cuidador de Idosos	28.788	547%
2	Professor de Nível Superior na Educação Infantil (0 a 3 anos)	33.878	398%
3	Preparador Físico	22.693	327%
4	Operador de Colheitadeira	10.828	253%
5	Analista de Informações (Pesquisador de Informações)	8.991	224%
6	Instalador-Reparador de Redes Telefônicas e de Comunicação	14.040	203%
7	Técnico de Enfermagem	393.609	197%
8	Operador de Telemarketing Técnico	17.735	188%
9	Técnico de Rede (Telecomunicações)	12.283	174%
10	Técnico em Saúde Bucal	7.209	169%
11	Fisioterapeuta Geral	33.221	159%
12	Técnico em Manutenção de Máquinas	12.694	153%
13	Analista de Folha de Pagamento	10.899	152%
14	Técnico de Garantia da Qualidade	27.220	148%
15	Gerente de Logística (Armazenagem e Distribuição)	16.555	147%
16	Controlador de Entrada e Saída	36.331	146%
17	Economista do Setor Público	5.700	141%
18	Analista de Recursos Humanos	44.813	139%
19	Professor de Educação Física no Ensino Superior	5.901	137%
20	Pedagogo	24.246	136%

*Fonte: MTb*

Por outro lado, profissões que requerem baixa qualificação, e cujo serviço está exposto aos avanços da tecnologia, perderam espaço no mercado de trabalho na última década em ocupações concentradas nas indústrias extrativa mineral, extrativa vegetal e têxtil, além de serviços bancários, dentre outros.

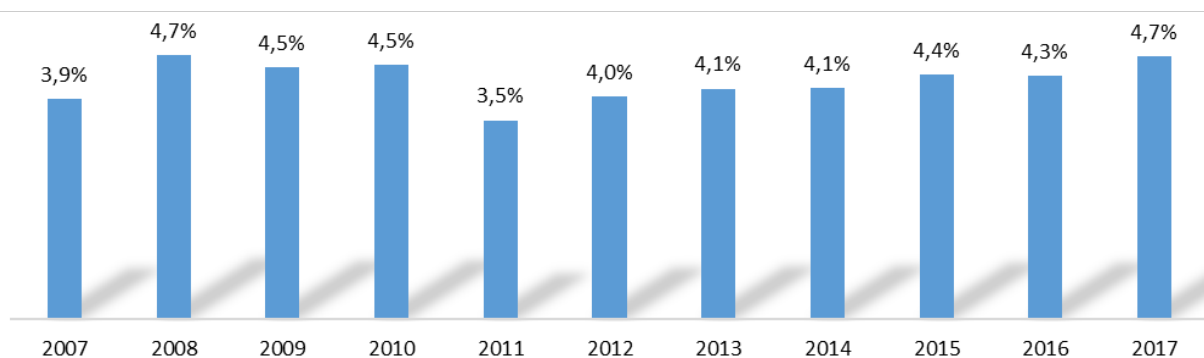
**QUADRO V**  
**PROFISSÕES COM MAIOR RECUO NA OCUPAÇÃO FORMAL ENTRE 2007 E 2017 – TOP 20**

Rank	Profissão	Postos Criados	Var. % 2017/2007
1	Trabalhador da Exploração de Castanha	-3.487	-90%
2	Agenciador de Propaganda	-8.110	-78%
3	Impregnador de Madeira	-4.400	-73%
4	Chapeador de Aeronaves	-3.620	-72%
5	Lagareiro	-9.761	-71%
6	Auxiliar de Maquinista de Trem	-2.847	-70%
7	Vigia Florestal	-3.959	-70%
8	Conferente de Serviços Bancários	-5.798	-69%
9	Entrevistador Censitário e de Pesquisas Amostrais	-62.407	-68%
10	Operador de Cobrança Bancária	-6.489	-68%
11	Carvoeiro	-5.111	-63%
12	Operador de Filatório	-8.095	-62%
13	Jornaleiro	-2.658	-62%
14	Vilavador de Peças	-5.095	-62%
15	Operador de Cristalização na Refinação de Açúcar	-3.803	-62%
16	Trabalhador na Fabricação de Produtos Abrasivos	-2.433	-60%
17	Catador de Material Reciclável	-6.882	-60%
18	Professor de Desenho Técnico	-54.353	-60%
19	Auxiliar Técnico em Patologia Clínica	-3.897	-59%
20	Destroçador de Pedra	-2.867	-59%

Fonte: MTb

Finalmente, outra característica marcante do período de crescimento econômico foram as maiores oportunidades de empreendedorismo. Os empregadores, como proporção da força de trabalho, passaram de 3,9% em 2007 para 4,5% em 2010 – tendência que foi retomada mesmo durante a recessão.

#### QUADRO VI EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO % DOS EMPREGADORES NA FORÇA DE TRABALHO ENTRE 2007 E 2017



Fonte: IBGE

O crescimento do número de empregadores, no entanto, teve como impulso não a oportunidade, mas a necessidade de empreender após o aumento da taxa de desemprego atingir níveis recordes no primeiro trimestre de 2016 (13,7% da população economicamente ativa, ou 14,2 milhões de pessoas). Assim,

entre 2014 e 2017 o percentual de empregadores avançou de 4,1% para 4,7% da força de trabalho brasileira. Nos últimos dez anos, o número de empregadores no país passou de 3,43 milhões para 4,40 milhões de pessoas (alta de 27%).